

04/07/2019

## As diversas faces da indústria da morte

**Fabrizio Fävasch Rodriguez**

[Ativista Social e Sindical. Observatório do trabalho latino-americano]

Que há uma indústria da morte, já se sabe de há muito. A indústria bélica e de armas vive da morte. Sua participação no PIB mundial varia entre 3 e 4%. Já a indústria da violência que produz a indústria da segurança, também vinculada à indústria das armas, é mais recente e ainda mais lucrativa. Por ora não há estimativa de sua participação no PIB mundial.

A indústria bélica (que “garante a ordem” entre as nações) e a indústria da violência social ((que “garante a ordem” dentro das próprias nações) são processos interdependentes que compõem uma nova cadeia produtiva, cujo produto final é, também, a morte, ou os mecanismos para evitá-la.

Dados recentes sobre a segurança privada (apenas no setor formal) mostram, no Brasil, um faturamento da ordem de 50 bilhões de reais (2015) em franco crescimento. É um setor imune à crise.

Emprega, no setor formal em torno de 650 mil trabalhadores “seguranças” - grande parte armados - contingente maior do que o contingente policial civil e militar brasileiro (em torno de 550 mil).

Não estão nesses cálculos os gastos com segurança, menos direta, ou seja, aqueles em que as armas propriamente ditas não são visíveis, mas apenas a possibilidade de que elas apareçam para causar o seu objetivo, ou seja, a morte. Neste segmento, muito diluído em termos de setores produtivos, existe uma infinidade de atividades de segurança. Algumas delas: blindagem de automóveis, gradeamento de edifícios e casas, dispositivos de alarme e vigia (câmeras de segurança, dispositivos eletrônicos visuais, sonoros e de conexão), equipamentos de defesa pessoal (sprays, soqueiras, armas brancas, coletes), academias e clubes especializados, treinamento de cães de guarda, equipamentos diversos para veículos, mídias comerciais e cursos on-line, entre inúmeros outros.

É bem verdade que o número de trabalhadores envolvidos nesses segmentos, ainda que não dimensionado, é de se supor que atinja a casa dos milhões em todo o Brasil.

É uma “boa” garantia de empregabilidade, por ter um mercado com perspectiva de crescimento permanente, ainda mais em vigência de governos belicosos arautos da defesa individual dos cidadãos.

Ocorre que esses setores produtivos geram emprego voltados exclusivamente para NADA, a não ser para o MEDO social. Seus valores civilizatórios agregados são nulos. No setor primário não produzem alimentos nem produtos extrativos, portanto nem são commodities que poderiam impactar positivamente a balança comercial. No setor secundário não produzem manufaturados que concorrem para o conforto da vida em sociedade, tampouco produzem maquinários e equipamentos capazes de manter outros setores produtivos em atividade.

No setor terciário não produzem educação, saúde, transporte, habitação, cultura (exceto a cultura do MEDO), atividades que sustentam o avanço civilizatório das sociedades.

Ao produzir NADA além do MEDO, a indústria da violência cria um paradoxo insustentável e difícil de ser resolvido. À medida que essa indústria cresce, e ela cresce sem parar, mais ela necessita do crescimento do MEDO. Imagine-se uma sociedade sem MEDO e imagine-se o que esses setores “produtivos” de combate à violência o que fariam para manter esse combate ao MEDO. Qualquer raciocínio simples diria: *“para manter a indústria do combate à violência em contínuo crescimento só mantendo a violência em contínuo crescimento!”* Ou seja, é o MEDO, o insumo principal dessa indústria nefasta, em que os trabalhadores nela inseridos nada fazem além de vender a sua força de trabalho para sobreviver, como fariam em qualquer outra atividade, se tivessem oportunidade de escolher algo que NÃO dependesse do MEDO, inclusive do MEDO deles próprios, de suas famílias e da sociedade em que vivem.

Daqui da Colômbia, onde me encontro atualmente, após minha estadia em Roraima (que descrevi em colunas anteriores), recebi uma notícia de amigos brasileiros do Rio de Janeiro, sob o título *“Traficantes de Jesus”*. Esse tema, que tratarei da próxima vez, me parece que corrobora a impressão de que para a indústria da violência e manutenção do MEDO, entrar no território da fé religiosa pode ser mais uma estratégia. Até lá. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*